



CAM
30
7A

o
a
s
i
p
r
i
a
n
o

CAMBOTA

Moa Sipriano

Sonho

O frio estropiava minha pele no segundo ato da madrugada. Aprumei meus restos cambaleantes e corri para o guarda-roupa, procurando velhos panos quentes. Voltei aos domínios da cama estreita, ainda bêbado em sonhos, mas agora devidamente requentado.

Não precisei de nem um minuto. Embalado em sono profundo, amornado nos braços tatuados de um Morfeu cabalístico, o safado, gargalhando, tapou-me a razão do olhar.

O local para onde fui arremessado parecia uma espécie de jardim infinito. O verde dava um nó em toda lógica e se fundia na simplicidade de um horizonte âmbar.

Presenciei flores delicadíssimas, multicoloridas e sonoras. Senti aquele familiar cheiro adocicado no ar. Vibrei com os sons de animais sapecas saltitando ao longe e apesar de não vê-las, senti algumas pessoas conversando num dialeto próprio, não totalmente estranho aos meus ouvidos sensíveis. Era o nono fragmento dum alemão.

Desorientado, relaxei num banco em tronco de árvore, esculpido pelas unhas da misteriosa Natureza.

Materializadas a partir de um foco de luz lima, duas mulheres se aproximaram. Uma era bem idosa; dona de um olhar meigo, porém um tanto assustado, defasado, evasivo. A outra, que aparentava ser sua filha ou uma parenta bem próxima, demonstrava certa apreensão com a minha presença, ambas deslocadas naquele magnífico paraíso medieval.

Cumprimentei as duas como se fôssemos velhos conhecidos, bailando um leve sinal para que também se aprumassem no agora sofá de madeira milenar. A senhora estendeu sua mão direita. Num gesto solene, avancei meu rosto afogueado delicadamente em sua direção, beijando as costas da mão enrugada, alva, respeitosa, onde veias azuis saltavam enlouquecidas sob a pele composta de duas camadas de papel-manteiga.

Senti a imposição da lavanda e reparei nas unhas brilhantes e bem aparadas daquela mão esquelética, suave, relutante.

Aquela que parecia ser a filha que não era filha observava meus movimentos sensíveis. Percebi que ela se sentia ameaçada, trocando raras palavras e intimidades comigo.

Olhares perdidos ao longe, conversávamos fatos corriqueiros da vida, como a simular um descontraído bate-papo de fim de tarde num parque infantil, ao som do borbulhar de um necessário chimarrão. De repente, como lunáticos, ríamos e

discutíamos sobre a beleza e a profundidade de uma canção da Annie Lennox que revelava os mistérios de um amor não correspondido.

A senhora quebrou o encanto pueril, mudando o assunto repentinamente. Ela afirmou que costumava ficar isolada em seu lar terreno, pois seu marido era avesso ao diálogo e seus filhos se encontravam distantes, perdidos em duas rodas a vagar noutros mundos além do Sudeste. Confessou-me que não cultivava o hábito de conversar com pessoas forasteiras.

Mas quando não se encontrava no mundo dos homens, durante seus sonhos e viagens no Astral, ela tinha permissão de reencontrar velhos amigos e grandes amores; e assim usufruir a necessária companhia de seres que ainda lhe eram muito queridos.

“Estou doente e muito cansada”, sussurrou a senhora.

“Meu menino não pode ficar sozinho. Ele precisa de companhia. Fui contra o Destino, eu confesso. Eu não quero aceitar, mas tenho que me render diante daquilo que já foi traçado. Ele precisa da *sua* companhia. Mesmo sendo um homem-feito, ele ainda não consegue andar a contento com as próprias asas.”

“Ele não me procura mais!”, interrompeu a outra mulher.

“Apesar de todos os problemas que superamos juntos, da vida que construímos enquanto casal, eu sei que ele carrega uma mágoa muito profunda, transformando-a dia a dia numa barreira intransponível entre nós.”

Desfocado, fiquei atônito ao ouvir o lamento daquela jovem mulher. Havia lágrimas cortantes decaindo dos seus olhos álgidos. Senti que, mesmo contrariada, ela começava a depositar boa confiança em mim-eu-mesmo.

“Cometi erros terríveis com meu homem. Besuntada no egoísmo, impus situações que foram determinantes para que a nossa união se concretizasse”, continuou a jovem.

“Fisicamente, ele sempre esteve presente. Mas seu coração jamais me pertenceu. Hoje tenho a prova viva diante de mim que o amor do meu marido não é meu”, encerrou a jovem e seu olhar inquisidor foi se transmutando num misto de candura e compreensão fraternal.

A senhora pegou minha mão enregelada, apertando-a em franco desespero.

“Em breve... partirei”, ela choramingou.

“Eu quero... eu preciso... eu exijo que você cuide do meu menino; dê atenção a ele, ensine-o. Mostre o caminho, pois sei que logo ele vai conseguir dar o terceiro passo e avançará por conta própria. O talento oculto no meu filho será revelado através do seu amor e dedicação a ele”, ela continuou, emocionada, transtornada, resoluta.

“Na verdade, ele só precisa de um empurrão!”, emendou a outra mulher, rindo entre nervos expostos no semblante incolor.

“Ele não nos ouve mais. Nunca ouviu! Acho que erramos muito com ele. Não cumprimos todas as metas outrora programadas”, os olhos agitados recebiam o brilho de novas pérolas prontas a desabar pelo seu quebradiço rosto exausto e sem cor.

A jovem mulher levantou-se, num rompante, segurando com delicadeza no braço da velha senhora:

“Vamos, pois temos uma longa caminhada a cumprir. Daqui a pouco a senhora precisa acordar do outro lado e ainda não terminamos o quarto passeio reparador. Fizemos o que devia ser feito. O futuro dele já não pertence mais a mim ou...”

“Prometa que vai cuidar do nosso menino”, implorou a velha senhora.

“Mas... como eu vou saber quem é o tal... menino?”, indaguei tonteado, desejando sinceramente que elas não partissem.

Eu começava a transparecer meu desconforto, pois já pressentia o Sinal.

Inspirando a molenga brisa exalada pelas flores incandescentes, a mulher mais velha tirou do vestido florido, na altura dos seios, uma foto amarelada, carcomida pelo sorriso do Tempo.

“Tome!”, ela disse, enquanto colocava o encanecido papel amarrotado na palma da minha mão despreparada. “Aqui está. É chegada a hora do retorno, do acerto de contas, da revelação!”

A outra mulher enxugava os olhos inchados, desconfortável e inconformada, evitando-me a todo custo.

“Não olhe para ele agora”, a mais nova pediu, com a voz embargada.

“Por favor, aguarde a nossa partida...”, as duas esboçaram um sorriso plastificado, travando o restante da frase, percebendo que eu havia achado desconfortável graça diante do jeito espantado delas expressarem o adeus.

“Ele não pode mais nos dar atenção. Na verdade, acho que ele nunca quis nos dar atenção, porque não conseguimos compreender a intrínseca verdade do seu coração. Ele tem o seu mundo para cuidar. E vocês dois carregam a missão de um universo para ser criado e administrado em conjunto. O bem-estar de milhares depende da energia emanada da arte de vocês”, disseram as duas, em uma só voz.

Um sonho? O sinal. A revelação!

Permaneci petrificado.

“Mostre o caminho do Amor para o nosso filho. Proporcione aquilo que não pudemos dar a ele na atual existência”, afirmou a velha senhora, sua voz fragmentada parecendo muito longínqua.

Era realidade. Eu pude sentir. Um brilho ofuscou meus olhos acobreados.

As mulheres se foram. Simplesmente desapareceram.

O jardim continuava sereno da mesma maneira, mas não havia mais o frescor da lavanda, nem o burburinho de seres invisíveis papeando ao longe... nem ruídos de animais infantis, saltando aqui e ali, numa barulhada divertida.

Eu estava sozinho. Sentia meu íntimo tremendamente solitário.

Sobre minhas coxas grossas e umedecidas pelo orvalho espectral repousava a importante foto 1978. Antes mesmo que eu fizesse moção de avaliá-la, as cores originais retornaram por encanto!

O papel já não carregava mais a gradação amarelo-passado, e sim ganhava tonalidades fortalecidas e impactantes. Um rosto triste foi se focando em câmeras lentas. Olhos verdes e encovados, a pele vampírica, os fartos cabelos lisos aloirados e um divertido bigode quase ruivo torneava um sorriso tímido que implorava socorro imediato.

Meu menino trinta-e-poucos!

Segurei a foto com todas as mãos. Não consegui controlar o turbilhão de emoções desconexas. Meu corpo sacudia descompassado, meus ossos eram esmagados sem piedade, eu perdia a firmeza das pernas, meu coração sangrava no centro baixo do meu peito fragilizado. A aflição das muitas revelações rodopiava em torno da minha mente deveras embotada; os pensamentos lutavam para seguir um fluxo organizado e contínuo.

O bendito Sinal. A sagrada Revelação!

Sonho? Que sonho?

Uma enxurrada de lágrimas...

De alegria! De libertação?

* * *

“Então... é você!”, conclui, exausto, não confiando nos meus básicos instintos.

Olhei ensandecido para todos os lados, à procura daquelas mulheres.

Quem eram aquelas duas? (eu sabia a resposta). Onde estariam? (eu não assumia a Verdade). Por que me procuraram? (era óbvio, não é mesmo?).

Por que confiaram a mim-eu-mesmo alguém que era tão importante para elas?

(Céus, caia na real: vocês são Almas Companheiras, seu imbecil!).

Perguntas aparentemente sem respostas concretas.

Mas... estou enganando a quem mesmo?

Como eu sou ridículo. Renato tinha razão: mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira. Eu tentava tapar a luz da verdade entre os vãos dos meus dedos gorduchos, peludos, encharcados.

Minha intuição se mantinha aguçada, socando meu corpo com violência para despertar meu ser do torpor da Ignorância.

Finalmente meu interior foi tomado por um palpável impacto revelador. Pelos platinados eram arrancados do meu peito em chamas. Meu coração inflamava em descontroles, tal como um balão de borracha suportando o décimo e derradeiro sopro antes de partir-se em tiras e rodelas desiguais. Comecei a rir, a desabrochar uma gargalhada histérica, paranoica, quase perdendo o controle sobre o Foco. Entre gemidos sem sussurros, compreendi o que se passara comigo. E entre preces carregadas de clichê, agradei ao Criador pela revelação do Sinal em evidência.

O primeiro estágio da Grande Prova era finalmente vencido.

Beije a foto por um longo tempo. Quis sentir a textura sulista da sua pele judiada em meus paulistas lábios experientes. Quis acordar e sair daquele jardim. Queria correr, correr na sua direção e abraçá-lo com toda força do meu espírito recém-liberto das trevas.

* * *

Acordei.

Ofegante, encharcado, exaurido.

Dei-me conta que já era o início de uma agradável manhã de domingo.

Vi os primeiros raios de um sol preguiçoso surgirem no horizonte. Sentei-me na cama, pés descalços tateando o chão de tacos infelizes, à procura das velhas pantufas com a cara tediosa do Garfield.

Olhei ao redor. Senti que havia chorado. Chorado não! Liberado um berreiro no escuro. Lágrimas no absurdo!

Era necessário, mesmo sem outras energias, correr para minha escrivaninha e encontrar o número antigo do seu telefone. Eu precisava ter a certeza de que ele estava anotado numa velha caderneta; aquela caderneta azul que você mesmo me presenteou no segundo mês, quando comemorávamos o princípio da nossa amizade eterna com um belo e inesquecível porre cervejúnico!

Já nos amávamos desde remotos tempos e nem nos permitimos dar conta disso.

Eu sei que ela estava perdida entre outras coisas enterradas no passado. Eu queria ver você. Eu precisava voltar para o Sul apenas para degustar o seu olhar noroeste. Doideira, eu sei, mas sou sincero em afirmar que era realmente isso que eu deveria ter feito.

Cadê a porra da coragem?

Eu sou um homem de merda.

Eu deveria nos salvar.

Perdi a chance em 1996.

No sonho-revelação de instantes atrás, havia sido confiado o seu destino em minhas mãos, mais uma vez.

Suas mulheres depositavam a sua vida aos cuidados do meu espírito idiota, ridículo, incontrolável.

Mas o que me prende aqui em São Paulo? Por que olho para a merda do telefone sobre a mesa e não tenho coragem de discar os malditos números? Por que observo nitidamente a sua imagem diante dos meus olhos mentais e não resgato você ou nós dois da angústia dessa indecisão?

Captei todos os sinais. Eu sou – definitivamente! – um covarde.

Sua alma sangra e implora meus cuidados. Mas eu sou um bosta. Um poltrão egoísta. Tenho medo de não saber enfrentar os fantasmas que rondaram minha vida e zombaram de mim naquele fatídico outubro de 1996.

Deixe-me aqui. Quero me perder no seu olhar esmaecido.

Fecho os olhos e sinto seu bigode ruivo, patético e sensual a roçar meu pescoço, subindo áspero pela minha orelha esquerda, seus lábios sussurrando sobre meu tímpano excitado. Aquela saudosa voz tranquila, rouca, pausada:

“Salve-me... sal-ve-me...”

Refuto a verdade. Levanto-me. Invado o banheiro frigorífico. Lavo meu rosto com água gelada a destruir minhas profundas sensações de vazio e desespero.

O Sinal. Uma Revelação!

Sonho?

Fujo do nosso mundo por pura fraqueza de espírito.

Cambota, eu te amo!

Pena que sou um covarde egoísta.

Eu sou um homem de merdas.

A última carta

Ilha Comprida... Nove de setembro de 2006...

Dois minutos para as quatro da tarde...

Cambota,

Em primeiro lugar, alimento a esperança de que esta carta chegue definitivamente em suas mãos. Devo começar meu relato confirmando que aqui do outro lado está tudo em paz? Não estou sendo sincero. Não devo estragar os fatos logo de cara. Não posso – nunca mais! – mentir para você.

Melhor afirmar um honesto “eu estou enlouquecendo!”.

Não sei como você está. Não sei qual é o atual paradeiro da sua alma. Não sei como anda o seu estado de saúde. A realidade é que preciso desesperadamente de notícias suas!

Apesar da distância física que teima em nos separar e desse absurdo hiato sem nenhum tipo de contato – dez anos! –, ainda é muito importante para mim que você acredite: todo carinho que sinto em relação a você jamais definiu.

Você não imagina as dores fulminantes dos inúmeros golpes estúpidos em meu peito cuspidos pela Dona Saudade, atacando-me, ferindo-me, enlouquecendo-me de tempos em tempos.

Eu sinto a falta do meu gauchaleirão!

Atualmente moro em uma ilha. É um lugar muito agradável e tranquilo, perfeito para se conformar com uma velhice feliz. Exato. Eu já me sinto sozinho e incapaz antes de completar quarenta.

Nos meus amplos momentos de ócio, gasto os minutos atrasados a perambular pelas praias, molhando os pés e parte das minhas morenas coxas grossas nas ondas acolhedoras. Brinco com as águas irrequietas e permito que a espuma salina purifique o que resta do meu ânimo cansado. Caminho durante horas e horas seguidas, refletindo sobre a vida, o passado, o futuro. Refletindo sobre nós dois!

Mesmo contrariando lógicas, me pego sonhando com você. Dormindo ou acordado. Na surpresa do delito, uma dor física terrível invade toda a extensão do meu peito floresta negra, perpassando os átomos atônitos dos meus pelos em chamuscas azuis e violetas.

Carência. Desolação. Tudo é tão tridimensional e a saudade é tão avassaladora! Cultivo fragmentos extraordinários de inigualável angústia. Ah, que vontade alucinada de tocar em você... e não poder!

Em orações gritadas para qualquer alado ouvir, quero acreditar que sou abençoado por ainda acordar bem amparado pela Esperança, a única entidade capaz de amainar a dor das alegrias não concretizadas.

Oh, meu piá, quantas vezes desperto no seio de prantos incompreensíveis, ao descobrir que você está ao meu lado... mas você não está!

São filmes tão realistas, onde consigo ver você, tocar em todos os quintos detalhes da sua face oculta, sentir até o perfume madeira que emana do seu sulista corpo delgado.

E o que me resta de consolo quando abro os olhos e amplifico os sentidos é abraçar e beijar com um anseio descomunal as bordas trançadas do meu famoso segundo travesseiro.

Ao ser torturado pelos nossos encontros disformes nas madrugadas, passo dias e dias matutando sobre você, tentando compreender como você está, onde está, o que está fazendo. Eu acredito que sou capaz de sentir a sua dor. Pressinto que nossas angústias são idênticas!

* * *

Décima quarta. Meu deus! Já escrevi e postei uma infinidade de cartas. Perdi o número de tardes em que mofei na varanda de casa, ansioso pela Grande Resposta.

Não tenho a mínima ideia se você recebeu ou não meus incontáveis pedidos de socorro e atenção. Não quero aceitar que uma gélida mão sorrateira – sua mãe ou sua ex? Oh, aquele primeiro sonho! – esconde meus delírios impressos, impedindo que os sinais do meu amor cheguem até você.

Lembro-me que há mais ou menos um mês atrás, encontrei uma bonita moça no Orkut que carrega o seu sobrenome e mora na sua cidade natal. Ao contemplar as fotografias liberadas no perfil, juro que eu quis acreditar que aquela era a sua linda filha!

Enviei uma mensagem discreta, porém sincera, pedindo gentilmente para que ela entrasse em contato contigo. Para variar, não obtive nenhuma resposta, infelizmente.

E ainda fui bloqueado!

Por quê? O que foi que eu fiz?

Seriam obra e graça da sua terceira esposa?

Engraçado. Acabo de recordar que ainda tenho a foto da sua filhota. Uma do primeiro aniversário. A imagem pelo correio. Presente da W., que implorava em linhas liquefeitas para que eu entrasse em contato contigo!

W., a primeira. A mulher. A amiga. Aquela que sempre soube do nosso amor tresloucado. Aquela que gostava (de verdade) de mim-eu-mesmo!

Dúvidas, dúvidas, dúvidas.

Retornando aos sonhos premonitórios, o mais recente me abalou a ponto de trincar meus alicerces, tamanha a sensação de realismo que vivi. Acordei sufocado entre gritos mudos, desesperado por identificar algum fragmento concreto que viesse do Sul.

Na película em tecnicolor, eu o encontrava bebericando a cerveja naquele bar de esquina, ao lado da praça central. A gente se emocionou, descontrolados, ao revermos todas as nossas afinidades.

Quando cruzamos nossos olhares, perdoamos em uníssono nossas ausências. O desejo de permanecermos vinculados para todo sempre irradiava com uma intensidade espetacular através dos nossos sorrisos aliviados, abobados, adolescentes. Queríamos manter fundidas nossas viris alegrias, mas algo impedia a derradeira união.

A Terceira não cedia uma chance milimétrica para a sua liberdade. Ela o acorrentava nas agruras de um relacionamento medíocre. Ela era uma mistura difusa que envolvia a Dor, a Rotina, a Acomodação, acondicionada no corpo d... bem não ousou reescrever o nome da nova fêmea que tanto me odeia.

Por quê? O que foi que eu fiz? Como posso ter cometido erros contra alguém que eu nunca vi teta-a-tetas?

Dúvidas, dúvidas, dúvidas.

Na última madrugada acordei muito abatido pela gritante saudade. Tudo o que me restava era avaliar seu rosto agastado a povoar meus pensamentos. Nem consegui trabalhar como de costume. Abandonei minhas pinturas rascunhadas ao sabor do Vento Sul. Passei o dia arrastando meus pés na areia, chorando pra caralho, implorando a qualquer asa celestial que pudesse cuidar de você enquanto eu permanecesse um total inútil, covarde, imprestável.

Meu deus – penso, choro, entro em declínio desespero –, onde está você?

Cambota, por mais que o tempo passe numa velocidade estonteante e por mais que ainda trilhemos caminhos divergentes, saiba que nada, absolutamente nada referente aos nossos antigos sonhos foi realizado a contento.

É fato que fiz uma porção de coisas boas ao longo dos últimos dez anos. Mas é pena que nenhum resultado saísse como esperado.

Nada na minha atual existência vale a pena sem você.

Sobre todos os projetos que idealizamos em 1996, admito que tentei aproveitar algumas ideias, realizando fragmentos com outras pessoas, noutras parcerias.

Não deu certo. Afinal, você sempre foi inspiração a abrilhantar a melhor fase da minha vida, desde o primeiro minuto em que fomos apresentados pelo V.

O que um dia planejamos só revelará o Sentido se concretizarmos unidos em mente, arte, suor e sangue. Por hora, depositei nossas esperanças dentro de uma áspera gaveta lá no fundo opaco de mim-eu-mesmo.

O seu Poeta ainda guarda a letra da nossa primeira canção. Porém, falta meu Músico e sua melodia perfeita!

Oh, meu Cambota. Minha existência perde as cores sem você. Vou morrer afirmando minha realidade! São frases clichêrianas que refletem a mais pura verdade.

Confesso que procurei esquecer o que houve entre nós, abandonando você em todos os Passados. Fracassei.

Quero acreditar que somos Almas Companheiras destinadas a mudar o mundo, fixando a marca púrpura da nossa arte, transmitindo o Positivo Concreto para outras pessoas.

Sim. Eu estou falando da nossa música!

Eu já cacarejei um milhão de vezes sobre o tema. Já escrevi tantas vezes e nunca mudei meu discurso em relação ao que sinto por você e nossa misteriosa musicalidade.

Todos os seus sonhos são os meus ideais.

Carrego a certeza de que você se sente inquieto, ansioso e sufocado em relação ao presente ou mesmo à falta de perspectiva no futuro. Estamos angustiados por não conseguirmos progredir na senda da evolução, justamente porque nos falta algo: o Reencontro!

Não há motivação quando se luta sozinho. Tudo é só um tremendo vazio.

Choro feito um paquiderme, destilando puro nervosismo, pois não consigo repassar em palavras diretas o que eu preciso revelar. O Sofrimento sufoca meu parco vocabulário.

Meu lindo Cambota, até hoje a melhor coisa que me aconteceu na vida foi ter reconhecido você. Puxa, realmente não sei se era para tudo ser um mar de rosas naquela época. Sinto-me culpado por ter omitido que minha vida estava uma bagunça só. Eu tinha problemas sérios para resolver tanto do lado de cá (um relacionamento falido) quanto aí no Sul, na minha malfadada sociedade com o V.

A única esperança de amizade honesta que eu ainda guardava dentro de mim foi toda depositada em você. Caralho, eu me apaixonei por você num instantâneo!

Fiquei prostrado por causa do seu jeito de ser, pela sua honestidade, pelo seu carinho, pelo homem simples e lindo que você era.

Tudo entre nós combinou em um clique tão imediato! Nossas afinidades foram magnéticas. Você se lembra? Logo após o primeiro aperto de mãos, nós conseguíamos até ler os pensamentos um do outro!

Só por você os sacrifícios valerem a pena durante os meses em que vivi no pé do Brasil. Só por você eu resistia a todas aquelas pressões.

Eu sei que estou repetitivo. Você já conhece toda a história.

Sei que fui um idiota irresponsável ao deixar a cidade subitamente naquele fim de outubro; abandonando minhas conquistas materiais e os poucos amigos leais; e nem ao menos voltei para ver você, ficar ao seu lado e dar-lhe uma única satisfação. Olhar no olhar!

Ah, como eu me açoitado devido ao teor da minha imaturidade em 1996!

Você não imagina o quanto eu sofri ao partir.

Dezoito horas em prantos. Desesperado, acabado, acorrido na poltrona Reunidas.

Já aplanado em minha terra, nada gerava um pingão de sentido. Foi difícil me recuperar. Degustei anos e anos de silenciosa depressão quando a Dona Solidão fez morada definitiva em minha casa materna.

Você se lembra da quantidade de poesias que escrevi inspiradas em você e em nosso amor, nossa amizade inabalável? Será que ainda existe alguma rabiscada frase guardada em seu poder?

E o violão?

Agora escorrem soltas pelo meu rosto cansado as lágrimas de alegria ao recordar você musicando “Superlove” no seu presente de aniversário.

Lembro-me também das noites neblinas em que caminhávamos pela cidade; nas profundas conversas que mantínhamos sentados numa mesa de bar...

Eu amei todos os Invernos.

Por que não aproveitei ao máximo aqueles momentos? Por que não fui forte o bastante para superar os tresloucados desafios e ficar contigo em definitivo? Por que não lutei pelo sustento da nossa amizade?

Tento me consolar, acreditando que tínhamos que nos afastar para que cada um pudesse cumprir a Missão junto a outras pessoas, aceitando compartilhar necessárias experiências.

Sei perfeitamente as barras pelas quais você passou quando a W. engravidou. Eu também sofri em demasia, mas aprendi muita coisa boa no transcorrer desses anos todos. Por isso quero acreditar que hoje, finalmente, estou preparado para viver algo grandioso. Tudo só terá gosto e sentido e razão de ser se eu puder compartilhar os instantes finais da minha existência – em definitivo! – com você.

Nunca me esqueço da última vez que nos falamos ao telefone, poucos dias antes de você sair da casa dos seus pais, não é mesmo? Quando ouvi a sua voz rouca e

apreensiva, quase desmaiei de tanta felicidade. Meu deus, como eu queria abraçar você. Eu devia ter largado tudo e ir visitá-lo naquela ocasião.

O Tempo correu a oitava maratona. Eu sei, fiz muita merda no passado. Eu assumo o quanto errei e o quanto fui ausente em momentos que foram importantes para você.

A gravidez. A primeira filha. A nova casa. Outra cidade.

Sonhos abandonados. Saudades castradas.

Mas eu juro que se agora houvesse uma chance, uma última oportunidade, eu tentaria me redimir dos meus erros infundados.

Hoje, ao seu lado, eu seria capaz de encarar qualquer desafio para realizar o que um dia planejamos. Eu confesso que não mediria esforços para fazer de você um homem feliz e completo. Bastava unir nossas forças, para que pudéssemos por em prática o que um dia sonhamos.

Eu queria tanto abandonar meus quadros medíocres e voltar a soltar a minha voz, interpretando as nossas libertadoras melodias!

Eu necessito da serenidade da sua presença.

Mesmo casado com outro, confesso que meu coração só guarda espaço para você e mais ninguém. Sinceramente, depois de tanto me foder, não confio mais na maioria das pessoas. Prefiro a independência do isolamento e realizar sozinho aquilo que deve ser feito. Certo ou errado; insano ou inocente, decidi me guardar somente para você. É só em você que posso confiar, me abrir e me expressar sem medos, sem reservas, sem traumas.

Se minha intuição estiver correta e você estiver aí do outro lado se sentindo no limiar das suas energias – igual ao que eu sinto aqui também –, aceito que chegou o tempo de nos unirmos e cumprirmos aquilo que nós selamos em Passados, não é mesmo?

Pense e reflita. Eu estou no meu décimo quinto passo. Se você precisa me seguir, é uma decisão que só você e mais ninguém pode tomar. O mais importante é aceitar que ainda há alguém que se preocupa com você.

Saiba que eu também me sinto paralisado por aqui. Permaneço vegetando e continuarei levando minha vidinha simples, de ridículas aparências e sorrisos isentos de cor, carregando dentro de mim-eu-mesmo a esperança de permanecer fiel em relação a tudo que escrevi numa última carta.

Eu não tenho mais nada a perder, só a ganhar.

Se por acaso você compreender as entrelinhas do meu desabafo – Oh, Celestinos, façam meu Cambota receber a bendita carta! –, sua intuição irá captar muito mais do que tive forças para deixar transparecer. Eu sei que você também tem pensado muito

em mim. Algo nos une, Cambota, tenho plena convicção do palpável. Não é por acaso que eu insisto tanto em lhe procurar. Não é por acaso que eu estou tomando novamente a iniciativa de um contato. Não é por acaso que volto a repetir todos os *frames* do nosso recomeço.

Eu choro sem vergonhas e me acabo em perfurantes saudades. Tenho sorte que a Esperança está me consolando. Algo está escrito em Saturno. Pressinto as cicatrizes de um segundo sinal. E eu sei que um dia, não importa quando e onde, nós ficaremos juntos!

Eu sempre achei que era razoável com a palavra escrita, mas no nosso caso, somente quando eu voltar a vê-lo, a tocá-lo, ao me certificar que estou no centro do seu olhar esmeraldino, aí não vou mais precisar de palavras escritas ou faladas: minha alma vai adentrar a sua e um doloroso e necessário abraço vai mesclar a nossa união para sempre.

Cambota, eu só desejo que você saiba que...

... eu AMO você!

Porta vermelha

Quarta-feira.

Se eu me recordo de algo concreto?

Acredito que o relógio marcava duas horas e qualquer coisa diminuta.

Naquele fim de setembro de um longínquo dois mil e nove amorfo, eu era o único ser bípede a perambular pela praia, encarando uma atípica geada das ondas flácidas a beliscar meus pés estropiados.

Após depressivo ciclo arrastando meus restos na imensidão de compacta areia serena, destronei o boné e resolvi autorizar minha careca a ser golpeada por preguiçosas lascas solares.

Senti uma vigorosa realidade a fisgar meus temores, e descambei numa nada discreta crise homérica de choro e soluços, permitindo que o Vácuo invadissem meu másculo peito avantajado numa profunda enterrada à queima-roupa.

Sei que minhas poucas palavras deixarão a desejar. Não estou nem aí se o meu relatês é péssimo, não calcado na boa ortografia ou a dita-cuja da Coerência.

Apenas medite sobre a minha narrativa através das lentes cristalinas do seu coração esperançoso.

O desabafo aqui cuspidado não exprime toda a verdade. Nada é capaz de pincelar com cores fluorescentes a ascensão da minha saudade acinzentada.

Observo tons opacos, disformes, quase esquecidos. Em transe, rodopio seu princípio de barba cerrada na frente das minhas retinas vitrificadas.

Sobre tudo aquilo que construímos – oh, céus! – eu não consigo acreditar que me restou apenas um pedaço de papel sagrado a acariciar com ternura as pontas dos meus dedos oleosos: uma foto do seu belo rosto em branco, negro e prata.

Como eu queria que a gasta imagem ganhasse vida e o quase finado brilho do papel amarrotado se transformasse no calor suave da sua respiração a orvalhar meu rústico mamilo esquerdo.

Naquela quase noite, a dor era tão sufocante que até mesmo a parceira Poesia fez de tudo para se afastar das minhas carrancas e murmúrios, alegando que precisava desanuviar seus próprios pesares em afogatórios mergulhos de escape.

Oh, que merda de contradição!

Afinal de contas, a Dor não é a razão de viver da Poesia?

Acontece muito comigo. Andar de braços dados com o Senhor Vazio num agarramento pervertido sem fim, só recomeços.

Eu tenho que rir das minhas inconseqüências.

Oh, quanta submissão! Imaginar que ainda estou casado com o homem dos meus pesadelos, mantendo-me isolado de todos que eu amava.

Eu e ele, hipócritas, perdidos num universo revestido de fofocas, mentiras, paranoia, credices estapafúrdias e idolatradas fases da lua.

Eu, o Grande Fodão, aquele que costumava tanto se gabar na virtualidade por trazer esperança de dias felizes a um colorido mundo imaginário através das minhas histórias fantásticas, agora vago a esmo, sem cessar, num vício infinito.

Sou um corcunda pelúnico num desnorteio completo.

Andando, andando, andando.

Eu mantinha fios de esperança de focalizar a miraculosa saída na Ponta da Praia, localizada no encontro do misterioso Mar Pequeno com o belo Atlântico que protegia minha surreal ilha comprida, antes que a Luz fosse embora para a terceira banda asiática.

Entre delírios, eu olhava vidrado para frente enquanto meus temores observavam a periferia, sentindo meu ser igualado a um fugitivo à procura do bendito arco vermelho candente que selava a única passagem da minha definitiva liberdade.

Oh, ela não existe! Ela se esconde no lado direito do Umbral!

Ela não materializa suas perfeitas linhas pastreanas diante da minha fuça trêmula. Ela se mantém lacrada em mistérios e senhas traiçoeiras.

A porra é que eu posso sentir a morfética! Ela irradia o impossível vermelho de outros infernos. Ela ri da minha tosca máscara amorenada recoberta de castanhos pelos desgrenhados. Ela entranha sua voz rouca e irritante em meus ouvidos pingantes:

“Cadê a chave? Cadê a PORRA da chave, seu idiota, merecedor de merdas!”

Eu sei, eu sei Santa Porta. Só agora compreendo que desperdicei a chance extrema.

Como é dolorido recordar aquele dezoito de junho de noventa e seis – ai meu deus! –, eu deveria ter revelado a totalidade dos meus sentimentos, mas optei pela fuga da minha falha convicção enrustida.

Meu único arrependimento?

Foi não ter feito, dito, assumido o que era certo diante do meu homem ideal.

Ele, meu Gauchalemão, então embebido em mágoa e burrice, fez o filho naquela outra, a inocente Polaca.

Rumores invadiram meus tímpanos e sonhos: meu cambota foi obrigado a se casar e logo em seguida deixou a cidade.

Só me restou descobrir milênios depois que ambos debandaram para uma quinta dimensão paralela.

Não sei novos endereços. Não capto mais nenhum tipo de sinal.

Porta Vermelha gargalha, alucinada, embebida em vodca e porras. Sinto estampidos da sua saliva absinto a escorrer pelo meu peludo pescoço salitrado.

Eu não a vejo, só aguento feito um escravo o peso do seu bafo satírico a espancar meus músculos atrofiados, envergonhados, cavernosos.

Tapo meus orifícios. Forço-me a cantarolar fragmentos do *The Orange Lights*.

Oh, eu não suporto aquela gargalhada fatal. Eu deliro, eu recordo: Castelo Rá-Tim-Bum. Nas minhas punhetas juvenis, eu me pegava chupando as curvas do loiro que manipulava o segundo boneco, até que Manipulador e Criatura esporrassem látex, plásticos e a divina essência Cândida na minha garganta pra lá de profunda.

No limite das forças físicas, humilhado pelo quinto álcool de sextas e sábados intermináveis, continuo arrastando meus pecados numa fuga isenta de sentidos e razões e alicerces bem escorados.

Sempre tropeço nas algas mortas, encharcadas e gosmentas. Rogo pragas em toda extensão genealógica da minha patética existência.

Destruo com pontapés e cusparadas ao menos sete castelos de areia. Ela continua seu ataque em gargalhadas desafinadíssimas cada vez mais cortantes, reduzindo meu emocional a retalhos minúsculos de porca insignificância.

De repente, sou agraciado com a maldita e bem conhecida presença.

Ele chegou. É o Senhor Vazio.

O dominador se materializa de supetão, me dá um belo safanão, cospe enxofre nas minhas retinas espumadas, apunhala meu farto peito cabeludo, arrancando sem piedade tufos grisalhos do meu orgulho cretino.

Dor física, dor entorpecente, dor celestial. Já estou acostumado.

Nu, caio em quatro sobre a areia frígida, pois meu sonho é ser empalado por uma sereia lésbica.

Sofrer, sofrer, sofrer. Sou um covarde. Imploro para que o sal d'água minimize meu desalinho. Cantarolo súplicas mundanas que jamais serão atendidas pelo Tridente Milagroso.

Sete. Sete. Sete. Quando bate a hora recorrente, sinto falta de um raro abraço. Nada além seria capaz de me confortar. Só anseio por um longo e forte abraço do meu macho desperdiçado.

Oh, estou mentido! Também sinto a falta de um beijo. Um anárquico beijo estúpido. Aquela união de línguas pequenas e picas robustas a roçar suados corpos em desespero ascendente. Eu precisava viver outra vez a situação flamejante que extingue nosso ar, plaina nossa razão, fulmina nossos medos infundados.

Sim, eu confirmo: há treze anos que eu não sou beatificado com o ardor de um beijo gaúcho.

Oh, sinto vergonha em lhe confessar meus últimos limites. É muito complicado – talvez libertador? – revelar de chofre que sou apenas uma paulistana mortalha de grossos pelos desnorteados à procura de um carinho germânico transpassado entre dedos enérgicos a me tocar com a devida violência.

Sem você, por enquanto, apunhalo meu arcaico perispírito leproso com uma pesada cruz recoberta de espinhos bem afiados, durante minhas andanças sem fim, nem meios, só recomeços.

Ainda batalho para merecer boa estadia em sua alma. Embora compartilhada com outra pessoa, tenho absoluta convicção de que continua muito solitária.

Nós dois desfilamos na corda bamba besuntada de parâmetros obtusos.

Eu continuo minha busca pela genuína Porta Vermelha.

Oh, e a porra da chave?

Bem, ela deveria estar aqui, oculta em algum lugar do meu expiado inconsciente.

Anseio tomar boa dose de coragem e dar mais uma atenta olhadela dentro dos bolsos da minha alma acrílica.

É pena que o Senhor Vazio impeça minha concentração num penúltimo lapso de esperança. Desconto minha raiva chutando ondas, quebrando teclados, rasgando telas e tintas, esmurrando paredes.

O que me resta é perambular incógnito entre os seios da multidão de turistas abobalhados, arranhar meu peito em desalinho num angustiante e indiscreto tique nervoso, e verter lágrimas secas embebidas numa mistura de cerveja e sangue, sem ninguém perceber.

* * *

Às vezes vislumbro ao longe um ponto vermelho-hematoma.

Miragem, alucinação ou um golpe da Sorte? Arromba-me César?

Em casa, aprisionado no sufoco do meu merecido cubículo sagrado de criações mundanas, ambos vertendo todo grau de umidade, busco escape no décimo cristalcica de vinho barato, enquanto ouço pela nona vez o álbum de estreia do *The Narrative*.

A suavidade da dupla pop e o ácido róseo das uvas jundiaenses de sétima categoria relaxam meu delgado pranto amarelado.

Amanhã, em qualquer lugar que eu decida me projetar, será mais um dia de longas caminhadas na companhia da Santíssima Trindade: Beesha Vazio, Irônica Poesia e meu mais novo encosto: Sádico Silêncio.

Oh, sim. Eu continuo minha árdua e neurótica busca pela Porta Vermelha.

Será que... (soluços) ao abri-la pela última vez... (engasgos) vamos nos deparar com nossas bobocas fuças de espanto, onde rasperei meu cavanhaque bem aparado novamente no centro do seu queixo rústico, enquanto nossas línguas se engalfinham numa terceira batalha de mil anos?

Será que vou rir e me contorcer no centenário piso de madeira feito um velhaco idiota ao rever seu caipira sorriso tímido e seu excitante olhar desconfiado durante o ritual da Santa Erva?

Uma varanda, um chimas, diálogos e sussurros cantados entre dois caralhudos que se amam. Não há outra definição para o meu conceito de “Nirvana”!

Suplico que a imagem que conservo com tamanho fervor não seja um reflexo utópico do meu último sonho alquimiado numa grande farsa a gargalhar do meu resquício de amor.

Sinto falta de...

Oh, não devo dizer mais nada! Encerro meu discurso.

Ao longe, entre calafrios lancinantes, sinto uma aproximação. É o Senhor Destino – vestido de couro e aço – ameaçando calar de vez minhas doloridas revelações. Submisso, eterno escravo da Senhora Acomodação, percebo que chegou a hora do recolhimento dos meus devaneios.

O importante é que meu Cambota agora sabe de tudo (meus dedos gorduchos estão cruzados).

Juntos, ainda encontraremos a chave para destravar o penúltimo mistério por hora incompreensível, invisível, impalpável.

É crível que num glorioso dia estaremos diante da suntuosa Porta Vermelha. Só não sei quem de nós dois terá colhões para abrir o nosso darma.

Não devo, não posso, não quero expor mais nenhum grama excedente do meu íntimo. Que você vagueie em suas reclusas, ansiosas e ameaçadoras conclusões ao se identificar com o âmago do meu sofrimento.

Sinto falta, muita falta do...

Oh, não ouse e nem devo manifestar oitavas particularidades. Continuo em fuga, num círculo vicioso, mas ratifico que sinto saudades do frescor da sua alma sulista.

Oh, meu Cambota. Em prantos, elevo orações aos Alados, implorando para que alguém atrás das nuvens me dê uma pista sobre a maldita chave...

... que um dia abrirá minha seletiva Porta Vermelha!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**